

OS ZINES E AS BIBLIOTECAS: UMA RELAÇÃO NECESSÁRIA

Emerson Lucas Morais Lima

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Brasil

RESUMO

Com o advento das coleções especiais de fanzines em várias bibliotecas no mundo, este artigo busca demonstrar uma perspectiva mais clara deste fenômeno, expondo fatos que comprovem a importância cultural que este tipo de publicação pode atribuir as bibliotecas escolares, públicas e universitárias. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, composta por uma breve apresentação do que é o zine e suas origens. Apresenta algumas unidades de informação brasileiras, as quais seus acervos são compostos por coleções especiais de fanzines. Conclui entrelaçando o papel do bibliotecário ao patrimônio cultural em busca de preservar aquilo que colabora com a representação do retrato social.

Palavras-Chave: Fanzine; Cultura Popular; Biblioteca; Coleções Especiais; Cultura.

ZINES AND LIBRARIES: A NECESSARY RELATIONSHIP

ABSTRACT

With the advent of the special collections of fanzines in various libraries in the world, the article seeks to draw a clearer perspective of the phenomenon, exposing facts that prove the cultural importance that this type of publication can assign the school libraries, Public and university. It is a bibliographic research, consisting of a brief presentation of what is the zine and its origins. It presents some Brazilian information units, which its collections are composed of special fanzines. It concludes by interweaving the role of librarian to cultural heritage in search of preserving what collaborates with the representation of the social portrait.

Keywords: Fanzine; Popular Culture; Library; Special Collections; Culture.

1 INTRODUÇÃO

A cultura é uma linguagem que cultua os membros de uma sociedade e a biblioteca é um dos canais para que esse processo de desenvolvimento social possa ser concretizado. Nesse contexto, o registro da cultura, como aqueles contidos nos livros, deve compor a biblioteca para dar o suporte adequado nas suas atividades de integração cultural.

A missão subjacente da biblioteca consiste na preservação cultural do acervo informacional e bibliográfico, atividade que se tornou extremamente complexa em uma comparação com outros momentos de sua história. Isso se dá pela explosão de informações disponíveis tanto nos modos analógicos e digitais, ocasionando grandes obstáculos no desenvolvimento e acesso de acervos informacionais. Cada novo recurso bibliográfico (ou não) inserido em uma biblioteca, surge como uma peça de quebra cabeça que em certo ponto irá representar um artefato cultural prontamente disponível neste espaço. No entanto, é importante saber que a biblioteca não pode conter todas as informações produzidas; portanto, nenhuma delas é capaz de fornecer uma imagem completa de qualquer cultura em qualquer ponto histórico no tempo, há sempre o exercício da seleção.

Apesar disso, a impossibilidade de representar totalmente uma cultura, não sustenta a negligência de algumas bibliotecas com determinados recursos que podem compor seus acervos. Nesse contexto, esse artigo tem como um de seus objetivos identificar uma importante

ferramenta cultural para a juventude, os fanzines. Objetiva-se apresentar ainda algumas unidades de informação e coleções existentes para esse tipo de material informacional em território nacional. Além disso, pretende-se discorrer sobre a importância do recurso, visto que ele é o responsável por algumas das trocas mais diretas para os pontos de vista dos esforços artísticos e, portanto, o entendimento de membros individuais de uma sociedade.

Um ponto significativo sobre esse contexto, é que no Brasil, por motivos desconhecidos, poucas bibliotecas incorporam fanzines nas suas coleções e raras discussões no âmbito da Biblioteconomia podem ser vislumbradas. Com base nesta lacuna, o artigo incentivará as discussões sobre a relação necessária entre o fanzine e as bibliotecas, demonstrando seu alto potencial como um instrumento cultural, trazendo reflexões e possibilitando considerações acerca da implementação de tais registros informacionais aos acervos de bibliotecas.

2 QUAL A ORIGEM DO ZINE E O QUE ELE É?

A origem dos fanzines tem seu marco inicial a partir dos fã-clubes de ficção científica que existiram no início da Década de 1930, nos Estados Unidos, embora o termo tenha sido criado apenas nos anos de 1940 por Russ Chauvenet. No entanto, Andraus (1999, p.100), atribui ao poeta e pintor inglês, William Blake (1757-1827), o pioneirismo dos fanzines, “[...] pois ele editava seus álbuns, contendo textos próprios, ilustrados com gravuras pessoais, pintadas à mão, uma a uma”.

Contudo, os aspectos que caracterizam os fanzines tal como conhecemos hoje, tem início apenas no ano de 1908, onde segundo Massie e Perry (2002), o editor e autor de ficção científica, Hugo Gernsback, publicou nos Estados Unidos uma revista para radioamadores, chamada *Modern Electronics*. Em 1911, Gernsback inseriu nas páginas da publicação alguns contos sobre ficção científica que, em pouco tempo, se tornaram populares.

Nessa época a ficção científica não era considerada um gênero literário, o que dificultava a veiculação das informações para aqueles que tinham afeição pelo assunto. Nesse contexto, o fanzine surge para suprir essa demanda de informação e comunicação de uma forma mais eficiente, cooperando com aqueles que tinham interesse em compartilhar ideias, até então, não convencionais. Por meio da *Modern Electronics*, representações cada vez mais consistentes do gênero ficção científica foram surgindo, até que segundo Duncombe (1997, p.114), “[...] a primeira organização de fãs de ficção científica, *The Science Correspondence Club*, foi fundada no final da década de 1920”.

Desse modo, Gernsback “[...] começou a publicar cartas que traziam opiniões e historietas dos próprios leitores” (ARAGÃO, 1999, p.20 *apud* ANJOS *et al.*, 2009, p.5). Além das opiniões, o autor fornecia o nome e o endereço de cada participante, abrindo espaço para a troca de informações entre o público leitor. Segundo o arquivo *The Luminist League* (2019) em 1926, Gernsback publicou *Amazing Stories*, a primeira revista do mundo dedicada exclusivamente à ficção científica.

Segundo Magalhães (1993, p.29) em maio de 1930, Ray Palmer lança - para o *Science Correspondence Club - The Comet*, considerado o primeiro fanzine. Em junho do mesmo ano, Allen Glasser lança *The Planet* para o *The New York Scienceeers*.

Ao que consta, o primeiro fanzine foi publicado em 1930 e nada mais era que o produto de um processo de descentralização da produção do eixo das grandes revistas, processo este que vinha acontecendo desde o começo do século. A época era de uma invasão de publicações de entretenimento, lazer e cultura, que tentavam trazer o que era de interesse dos leitores. Mas nem todos estavam satisfeitos com o nível de informação que estavam recebendo. Fãs de aventuras fantásticas reclamavam junto às editoras que a qualidade das histórias e das coberturas que

ofereciam estavam aquém das expectativas do seu público leitor (ARAGÃO, 1999, p.19 *apud* ANJOS *et al.*, 2009, não paginado).

Nessa época, o fanzine começou a se espalhar pelo mundo e acabou se tornando uma forma de promover ideias e expressões artísticas de autores e amadores. A Inglaterra foi o primeiro país a seguir o exemplo dos estadunidenses com *Novae Terrae*, cuja autoria é atribuída a Maurice Handon e Dennis Jacques, em 1936. Contudo, “[...] os fanzines ingleses só tiveram sua grande força em meados dos anos 1970 com a explosão do movimento *punk*” (MAGALHÃES, 1993, p.30).

O movimento punk, desta vez em 1970, surge como intermédio da cultura zine e começa a invadir a Inglaterra como sinônimo de contracultura por meio dos jovens. O contexto cultural desse momento era de comportamentos distorcidos aos olhos de um país tradicionalista. Para Barreiros (2009, p.3), na onda desse impacto, a ideologia punk se fortaleceu e já em 1976 o primeiro zine com o dilema punk surge, o *Sniffing Glue*.

Seu editor é Mark Perry, bancário, 19 anos, cabelos longos, entediado com o emprego. Então ele ouve um disco dos Ramones, assiste ao grupo ao vivo, acha ótimo e decide escrever uma crítica a respeito. Escreve oito páginas e tira 200 cópias, em xerox, no escritório da namorada. E passa adiante. Corta o cabelo, compra calças justas e meias fosforescentes, larga o emprego e torna-se Mark P. Com a explosão do Punk, o Fanzine cresce tanto que se torna o porta-voz do movimento. No número 4, a tiragem passa para 1000 cópias e no número 10 já é internacional, com 8000 cópias, impresso em offset. Depois de alguns números escritos só por ele, Mark P. confessa-se entediado e passa o fanzine a quem quiser escrever (BIVAR, 1988, p.51).

O estilo gráfico dos fanzines punks é caracterizado pela ideologia anarquista; espontaneidade no layout, geralmente no tamanho A4, grampeados, reproduzidos em

fotocopiadoras, misturando a colagem de imagens e letras da imprensa tradicional para conteúdos gráficos e tipográficos originais, manuscritos ou datilografados.

Os zines punk eram espaços de liberdade de expressão, evoluindo após 1979 em direção ao anarco-punk, com um estilo mais radical, mais provocativo, insolente, mas também mais empolgados, os fanzines punks encorajam todos a produzir, a partir dos meios mais básicos, o seu próprio fanzine, reproduzi-lo e distribuí-lo de mão em mão.

A evolução dos fanzines é inevitável com a chegada do Mark Perry, que viria a influenciar não somente os fanzines no geral, como também todo o movimento punk, incentivando fortemente a auto publicação desses materiais. A Inglaterra, assim como muitos outros países no mundo todo, passaram a contribuir com suas ideias gerando uma gama de informações variadas sobre a cena punk e outras temáticas. No entanto, alguns países compartilhavam informações mais voltadas para a ficção científica e outros produziam histórias em quadrinhos. Em outras partes do mundo o destaque era a qualidade na produção dos fanzines, com layouts, ilustrações e conteúdo de revistas especializadas.

A definição do fanzine se dá por meio das vozes das próprias pessoas que os criam, contribuem e desenvolvem esse movimento, ou seja, os fanzineiros. Um autor fiel desse tipo de publicação no Brasil é Henrique Magalhães, que concebe um fanzine com as seguintes características

O fanzine é uma publicação alternativa e amadora, geralmente de pequena tiragem e impressa artesanalmente. É editado e produzido por indivíduos, grupos ou fã-clubes de determinada arte, personagem, personalidade, hobby ou gênero de expressão artística, para um público dirigido e abordando, quase sempre, um único tema (MAGALHÃES, 1993, p.9).

Assim, é possível afirmar que o fanzine é um meio de comunicação que além de enviar mensagens, também difunde estilos de organização

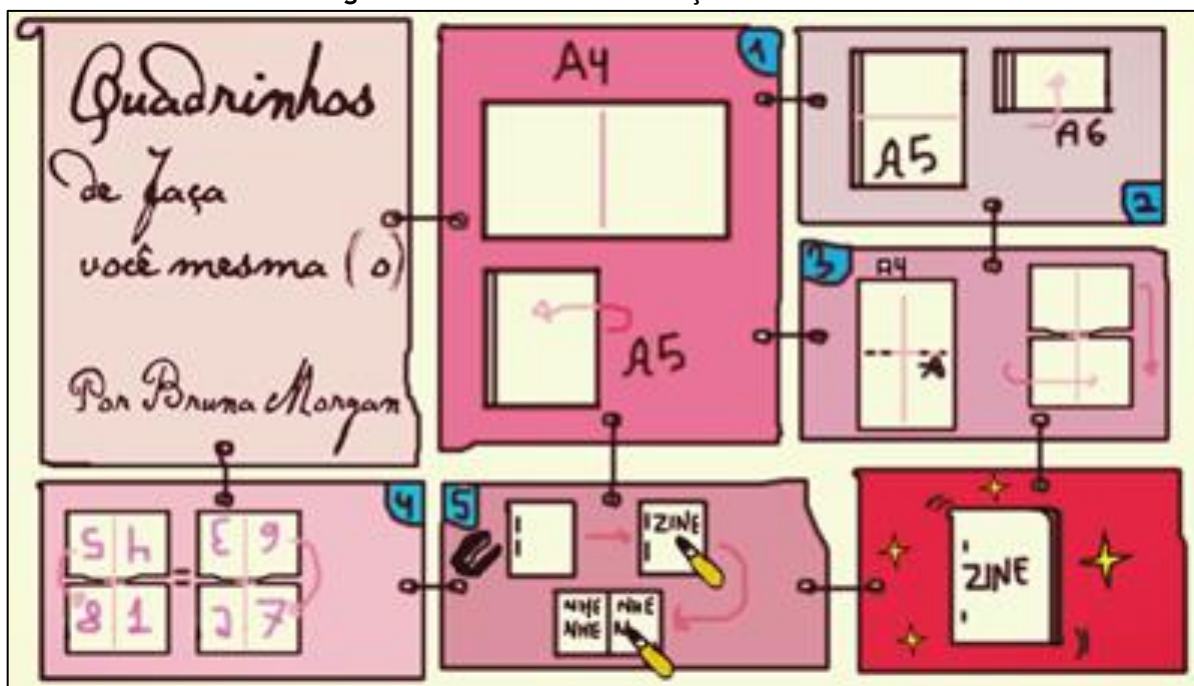
comportamental, formas de vida social, moda, gírias, sonhos, pensamentos, contracultura, amor e etc.

A necessidade de produzir meios de comunicação capazes de impactar a sociedade com perspectivas não convencionais, foi o estopim dos fanzines, que têm sua origem terminológica na junção das palavras *fanatic* (fãs) *magazines* (revistas), folhetos esses que na Década de 1930 nos levaram ao que hoje conhecemos como zines. Os zines são produzidos independentemente de editoras, estão livres de censura, apoiam totalmente e disseminam a liberdade de expressão, conduzindo a discussões sobre assuntos em todos os âmbitos possíveis. Stephen Duncombe, complementa dizendo que “[...] zines são revistas não comerciais, não profissionais, de pequena circulação, cujos

criadores produzem, publicam e distribuem por si mesmos” (DUNCOMBE, 1997, p.3 *apud* DILLON, 2005, p.6).

A produção do fanzine está relacionada de modo independente ao seu grau de escolaridade, competência intelectual ou conhecimentos culturais. Como podemos observar na fala de Ana Rüsche e na imagem a seguir, não é possível ver o mínimo de padrões formais para publicações como é demandado nos processos editoriais tradicionais. “Zines possuem uma intenção de efemeridade e fogem à institucionalidade. Assim não precisam de um acabamento para serem duráveis, como capa e acabamento costurado. Também raramente possuem o registro de ISBN ou ISSN” (RÜSCHE, 2016, não paginado).

Figura 1: Processo de elaboração de um zine.



Fonte: Morgan - 2014.

Devido a facilidade em sua elaboração, e a sua própria finalidade de construção como um processo, os fanzines acabam não sendo objeto de compra e desejo das bibliotecas. Todavia, é válido ressaltar que as unidades de informações deveriam integrar dentro das possibilidades esse tipo de documento, uma vez que os

usuários, porventura, poderiam consultá-los.

3 IMPORTÂNCIA DOS ZINES PARA AS BIBLIOTECAS

A aproximação entre zines e bibliotecas no Brasil é uma realidade modesta. No entanto, a chamada

Biblioteconomia Zine já é uma prática amplamente discutida e aplicada em várias bibliotecas espalhadas pelo mundo. Assim, é fundamental identificar, por meio de quais argumentos e práticas, essa área de atuação biblioteconômica, sustenta a importância dessas coleções para as bibliotecas mundo afora, reconhecendo também, a carência de atenção dada aos fanzines no cenário em âmbito nacional. Portanto, em meio ao posicionamento de alguns autores será possível refletir sobre o valor desse material, como ferramenta cultural para o bibliotecário e principalmente como uma ampliação do acesso à cultura popular por parte das bibliotecas.

Em primeiro lugar a importância do fanzine, para Stoddart e Kiser (2004, p.192) é que eles “[...] fornecem um ponto de vista alternativo”. Eles ainda destacam que algumas dessas opiniões manifestam-se como uma paixão dos fanzineiros pelo conteúdo. Nesse sentido, os autores nos induzem a pensar que se os editores de zines resolvem gastar tempo, dinheiro e esforço para produzi-los, mesmo com a consciência de que, geralmente, por ser um material longe do ideal das massas, poderia estar automaticamente predestinado a ser negligenciado pela maioria dos leitores, então eles devem ter algo que realmente vale a pena dizer, não importa o quão anticonvencional esse assunto possa ser ou custo benefício que ele possa gerar. Portanto, as reflexões contidas nos fanzines merecem ser valorizadas, preservadas e ao mesmo tempo acessíveis para as futuras gerações.

O fanzine produzido pelo bibliotecário Matthew Murray, chamado *Two Fisted Library Stories*, é uma forma de expressar e registrar o seu carinho pela biblioteca. Seu fanzine trata-se de contos de ficção científica sobre bibliotecas e bibliotecários, misturando universos distópicos como o *steampunk* para descrever aventuras sobre as rotinas de bibliotecas. Cada zine carrega um valor simbólico de US \$ 3,00 e além disso atende uma demanda de usuários muito pequena. Dessa maneira, esse material possivelmente terá pouca visibilidade, pois

sua publicação torna-se inviável para grandes editoras. Essa ocorrência se molda com base nas relações entre os autores marginais e as editoras voltadas para o *mainstream* literário os quais geralmente têm interesses opostos, tanto no conteúdo a ser escolhido para publicação, quanto mediante as estimativas e estratégias para a obtenção de lucros.

A questão é que a sobreposição das necessidades editoriais, principalmente aquelas induzidas pelas estatísticas de lucratividade, impõem muitas vezes critérios que não se encaixam ao fanzine, por exemplo, digamos que existam dados sobre uma determinada demanda pública de interesse, são duas obras que disputam de maneira eliminatória a posição que proporcionará a uma delas ser editada pela Marvel, o primeiro original é sobre O Homem Aranha produzida por Stan Lee e o outro é um fanzine qualquer produzido pela Escória Comix. O resultado probabilístico é que a grande maioria dos leitores escolherão o material mais famoso e a Marvel não pensará duas vezes em disseminar amplamente esse conteúdo. Ou seja, se os leitores e principalmente os fanzineiros estiverem sempre a mercê dos interesses financeiros dos grandes veículos de comunicação impressa, muita informação crítica pode se tornar inacessível. Mas se o seu acesso for possibilitado, de algum modo o conteúdo de vários recursos informacionais não convencionais podem fornecer informação, conhecimento e cultura para as comunidades sem priorizar critérios de lucratividade para o seu compartilhamento.

Dessa maneira, o valor dos pontos de vista alternativos fornecidos por um fanzine, justificam a sua implementação em coleções especiais, pois resultará na demonstração da preocupação da biblioteca com a responsabilidade básica de integrar culturalmente seus usuários, reivindicando e promovendo a importância das vozes menos representadas, além de descentralizar e democratizar o acesso à informação.

Em segundo lugar, Marteleto e Nóbrega (2007) apresentam o fanzine como uma ferramenta para a atuação do bibliotecário na sedimentação do conhecimento social. As bibliotecárias, utilizaram-se do zine como um experimento informacional e de livre expressão, para apresentar pontos de vista alternativos das visões e contradições do imaginário dos jovens, por meio de suas próprias vozes.

As autoras partiram de uma conduta baseada na “[...] produção compartilhada do conhecimento”, montando uma base de dados com informações empíricas, extraídas dos jovens e respeitando fielmente a diversidade dessa comunidade. Neste processo, foi elaborada uma oficina para confecção de fanzine, onde elas como mediadoras estimularam o desenvolvimento de discussões, ajudaram os usuários na percepção, materialização e compartilhamento dos conteúdos alternativos aos manuais prescritivos oficiais das campanhas de saúde e segurança pública.

O resultado foi um registro cultural singular e potente, que por meio da comunicação aberta, destacou o múltiplo protagonismo, a auto revelação das identidades e ao mesmo tempo alimentaram estas, com representações fiéis da realidade cultural dos jovens.

A prática registrou considerações, as quais solidarizaram-se em detrimento de uma ‘estereotipada’ imagem da relação dos adolescentes com a violência. Tal feito protagonizado por Marteleto e Nóbrega, coincidem com as afirmações de Dudziak sobre características do profissional da informação contemporâneo, nas quais destaque a adoção e disseminação de práticas transformadoras na comunidade e discussão da realidade social.

[...] o bibliotecário assume para si, além do papel de educador, renovação de sua própria competência informacional, adotando e disseminando práticas transformadoras na comunidade: pratica o aprender a aprender, difunde e populariza a ciência, explica as implicações da

tecnologia, discute a realidade social e política, alerta para a responsabilidade social e ambiental [...] (DUDZIAK, 2007, p.96).

Desse modo, o fanzine mostra ter valor como ferramenta capaz de auxiliar o bibliotecário no seu cenário contemporâneo de atuação, registrando e compartilhando suas discussões em conjunto com a sociedade, sobre considerações da realidade e responsabilidade social.

Em terceiro lugar, os zines são importantes veículos de expressão artística. Segundo Thomas (2009, p.35) a “[...] ampla aquisição, promoção, uso, e preservação dos zines artísticos em bibliotecas acadêmicas abre portas para muitas oportunidades criativas”. Muitas dessas revistas contêm histórias em quadrinhos, colagens, pintura e fotografia, ou seja, sua elaboração por meio de oficinas pode proporcionar uma possibilidade de explorar a criatividade das pessoas dentro das bibliotecas, incentivar a autoria e evitar plágios. Souza (2018, não paginado) descreve o desestímulo ao plágio dizendo que “[...] no contexto do fanzine todo mundo é potencialmente autor. Isso aí é para fortalecer a autoria, potencializar os talentos individuais dos estudantes”. Pereira (2016, p.149) em sua proposta pedagógica de incentivo à produção textual, sugeriu a produção de fanzines como exercício em suas aulas. A autora destaca que um dos elementos para a concretização da proposta era a produção autoral e que por meio do fanzine citado a seguir, esse requisito pode ser contemplado:

Há ainda um fanzine que trouxe uma temática diferente da que foi escolhida no início do projeto. Ele tematizou Gonçalves de Magalhães, no qual a aluna abordou o tema do sentimentalismo. Contudo, nos mesmos padrões de produção dos demais, com poesia própria, releitura atualizada da poesia ‘A Fantasia’ e publicação do poema

de sua própria autoria (PEREIRA, 2016 p.155).

Em quarto lugar, segundo Ferreira (2013, p.40) “[...] o fanzine é importante para o processo de comunicação no âmbito de movimentos contra culturais”, desse modo, o produto dessa comunicação são registros de aspectos histórico sociais relevantes para a pesquisa. O bibliotecário zine, Chris Dodge, discorre que os “[...] futuros pesquisadores dependerão de materiais como este para evidências de divergência cultural e inovação no final do século 20” (DODGE, 1995 *apud* WOOTEN, 2002, p.12).

Consciente desse contexto, na França, La Fanzinotèque de Poitiers, a primeira instituição dedicada à gestão dos fanzines no mundo, por meio do seu documentalista, responde todos os anos a pedidos de assistência a pesquisa ou elaboração de arquivos documentários. No entanto, isso só vêm sendo possível graças à parceria com a Casa das Ciências Humanas e da Sociedade na Universidade de Poitiers, que entre os anos de 2011¹ e 2012², conseguiram auxiliar os estudantes na elaboração de 21 arquivos de documentários e na digitalização de 34 fanzines os quais estão preservados e possibilitam a continuidade das pesquisas.

Seja para preservar um ponto de vista alternativo, relembrar uma expressão individual ou fornecer um documento escrito da nossa cultura contemporânea, os zines podem fazer isso muito bem, tornando-se importantes materiais a serem incorporados aos acervos de várias bibliotecas.

Infelizmente, apesar da importância, na maioria das vezes tais aspectos permitem que na verdade os fanzines sofram com muitas desvantagens em comparação com outras publicações, cuja apresentação e regularidade são menos desagradáveis ao 'bom gosto' das massas. Mas isso não significa que eles devem ser tratados de forma evasiva, na melhor das hipóteses, ou definitivamente banalizados, uma vez que a biblioteca, em seu papel social, deve preservar todos os tipos de culturas, ideologias,

independentemente da natureza política à qual o próprio espaço é planejado.

A relação cultura e biblioteca pode ser expressa, na compreensão dessa instituição enquanto propiciadora do desenvolvimento cultural humano, enquanto equipamento cultural, pelos bens culturais que salvaguarda e permite o acesso, e como lugar de manifestação da cultura em suas mais diversas formas (ALMEIDA; LIMA, 2016, p.61).

Nesse sentido, como a biblioteca é um organismo em crescimento e busca sempre se adequar a realidade, ao longo do tempo, a percepção do fanzine como um rico acervo vem sendo aos poucos cristalizada e para evitar sua perda, algumas iniciativas vieram à tona. Segundo Lara Pacheco (2000, p.39):

Tais materiais começaram a atrair o interesse de algumas pessoas dedicadas à preservação e a organização das coleções zine, bem como documentos dedicados ao estudo do ambiente dos usuários de Cultura Popular, considerando que os fanzines são uma parte importante dessa cultura, como uma representação das atitudes e valores das massas, o que as pessoas em torno de você pensam, como se expressam, produzem e como surgiram nesse ambiente em que se desenvolvem.

Para citar um caso atual, 23 e 26 de junho de 2015, foram apresentados tópicos sobre zines na conferência anual da *American Library Association*³ (ALA) com espaço dedicado a discussões em torno da temática principal ‘*Zines in Libraries: Collecting, cataloging and community*’ expostos por um grupo de bibliotecários zines conhecidos como ‘Zine Pavillion’ com o objetivo de mostrar a ampla gama de tópicos que giram em torno dos assuntos que compõem os zines, suas oficinas, vendas dos materiais e diretrizes para a implementação desse tipo de coleção espacial em bibliotecas. Em Minneapolis ocorreu o evento ‘*The Zine Librarian Unconference*’⁴ de 12 até 14 de julho de

2018, com o cronograma composto por várias articulações em torno da temática, uma delas foram as várias exposições de coleções particulares de zines. Também vale a pena destacar a reunião para discussões sobre o ‘*Zine Union Catalog*’ (catálogo compartilhado de zines entre bibliotecas) e muitos outros tópicos.

No Brasil, existem várias feiras que expõem, discutem e comercializam a literatura zine, uma delas apresentou tópicos que se tratou da construção de uma fanzinoteca, o 3º *Ugra Zine Fest*⁵, um festival de publicações independentes, celebrado no ano de 2013, em São Paulo, que teve como uma de suas palestrantes a especialista em Arte-Educação Fernanda Meireles. Em uma discussão de 43 minutos Fernanda falou sobre seu coletivo e suas perspectivas sobre o zine como patrimônio material e imaterial, além das formas de construção de uma zineteca. A palestra está registrada no *Youtube*⁶.

Nesse contexto, tais características parecem suficientes para levar a literatura zine tão a sério quanto qualquer outra bibliografia de prestígio. Dessa maneira, é interessante descobrir a relevância dessas publicações a ponto de atrair a atenção de estudiosos e investigadores em todo ramo da Ciência da Informação, bem como realizar reuniões e conferências onde possam ser trabalhados tópicos em torno de temas contra culturais, entre os quais os

fanzines, por exemplo, apareçam como um dos seus principais representantes.

4 ZINES NO BRASIL

No Brasil, o acesso e preservação de zines, geralmente é feito por meio de unidades de informação alternativas, em espaços não convencionais que buscam preencher esse vazio deixado pelas bibliotecas públicas, escolares e universitárias. Assim, com vistas a demonstrar os espaços que preservam e disponibilizam os acervos de zines, conhecidos como fanzinotecas, expomos a seguir quatro instituições brasileiras, sendo duas localizadas no Rio Grande do Sul, uma em São Paulo e outra no Rio de Janeiro.-

4.1 Fanzinoteca Mutaç o

A Fanzinoteca Mutaç o,   uma unidade de informa o direcionada exclusivamente para os zines e est  localizada no Rio Grande do Sul. Foi criada pelo professor de artes visuais e ilustrador Law Tissot e surgiu de uma parceria com o Ponto de Cultura ArtEstac o, na cidade do Rio Grande, RS, por meio de um pr mio da Funarte chamado Intera es Est ticas, em 2009. Esse era um desejo do professor h  muitos anos. No come o ele fez uma doa o de sua pr pria cole o de fanzines e depois foi recebendo muitas colabora es de amigos e entusiastas. Atualmente tem recebido todos os meses novos fanzines para o acervo.

Figura 2: Visite o ArtEstac o e a Fanzinoteca Muta o.



Fonte: Tissot - 2010.

4.2 Biblioteca Pública de Picada Café

O bibliotecário Glauber West, buscou explorar as possibilidades de utilização dos zines no espaço físico da Biblioteca Pública de Picada Café, Rio Grande do Sul. Glauber passou a desenvolver oficinas de zines na biblioteca, pensando na possibilidade de fazer do espaço um ambiente não só para a consulta

de seus materiais, mas visando a possibilidade de potencializar a capacidade dos usuários em produzir informação lá dentro. Com a ajuda dele, crianças e jovens cooperam entre si para se auto publicar, ao mesmo tempo que ajudam a formar parte do conhecimento cultural que é gerado na biblioteca para toda comunidade.

Figura 3: Indo além: bibliotecário cria fábrica de histórias em Picada Café, RS.



Fonte: Santos e Rosa - 2014.

4.3 Biblioteca Walter Wey

A Biblioteca *Walter Wey* foi criada em 1959 para oferecer apoio às pesquisas realizadas na Pinacoteca do Estado de São Paulo. Desde então está aberta ao público para consulta local. Em 2006, a biblioteca migrou para a Estação Pinacoteca e tem como missão coletar informações na área

de artes visuais - ênfase em arte brasileira, além de fornecer subsídios à pesquisa e aos projetos de estudo e ampliação do acervo museológico da Pinacoteca. O acervo encontra-se com um total de 12.100 itens os quais se dividem entre livros, dossiês de artistas, catálogos, folders, convites, fanzines, cartazes, dentre outros.

Figura 4: Biblioteca *Walter Wey*.



Fonte: Maringelli - 2017.

4.4 Iffanzine

O projeto 'Iffanzine', é uma fanzinoteca composta por mais de 600 títulos e que está localizada no campus do Instituto Federal Fluminense, Rio de Janeiro. Esse projeto de extensão cultural foi desenvolvido pelo seu coordenador Alberto Carlos Paula de Souza, que é designer gráfico. O projeto teve início no Ano de 2013 e tem como objetivo:

Divulgar a cultura do fanzine sobretudo para as novas gerações e oportunizar o espaço para a criação autoral e potencialização de talentos, através de oficinas e publicação de revistas desenvolvidas à maneira artesanal e livre, como é característica dos fanzines. Também realizamos experiências de aplicabilidade do processo criativo dos fanzines no ensino-aprendizado (IFFANZINE, 2015, não paginado).

Figura 5: Prateleiras com zines e oficinas.



Fonte: Souza - 2017; 2018.

Por meio desses exemplos é possível identificar a existência de espaços que preservam e organizam tais coleções no país. No entanto, ainda são poucas as pesquisas que promovem discussões em torno da implementação e gestão de coleções especiais de fanzines em unidades de informação, principalmente por parte do ramo biblioteconômico brasileiro⁷.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O universo dos recursos informacionais não é estático. Os fluxos de informação se transformam constantemente, tanto em conteúdo quanto em forma. As bibliotecas devem ser suficientemente flexíveis para conseguir responder a essa realidade.

O papel básico da biblioteca é fornecer acesso à informação em todas as suas formas. Os acervos físicos e digitais devem andar em equilíbrio, se complementar. Os zines são materiais puramente efêmeros, que querendo ou não, acabam com perspectivas um tanto

distintas daquilo que o bibliotecário, de imediato, possa facilmente reivindicar a sua importância.

A proximidade entre bibliotecário, biblioteca e fanzine não deveria estar tão custosamente compreendida pela Biblioteconomia brasileira. Estamos falando de um veículo de comunicação que impacta diretamente a tão importante juventude nacional. Nesse contexto, se essa preocupação com os jovens realmente existe, eles merecem ter acesso às ferramentas que os levem ao seu auto progresso, pessoal e social.

As bibliotecas assim sendo arquivos da cultura escrita, devem reconhecer o significado dos zines como documento cultural. Longe a biblioteca de ser um espaço para definir o que é ou não cultura em seu âmbito de atuação, mas na verdade, ela deve estar posicionada para fornecer informações de acesso à cultura. Para que isso venha ocorrer, é necessário que as unidades de informação comportem uma ampla gama de materiais que

possibilitem, com grande precisão, a imagem cultural de um determinado período. No caso, o zine impresso é o material capaz de transportar o indivíduo a um contexto sócio histórico e colaborar com determinada necessidade informacional do usuário.

Cada vez mais, os zines estão atingindo uma dimensão maior ao invés de desaparecer. Com o advento dos computadores sua veiculação se tornou mais dinâmica e os zines podem ser muitas vezes impressos por qualquer pessoa a qualquer momento. Atualmente, ainda não é nítido, mas é bem provável que cedo ou tarde a grande maioria das bibliotecas terão um pouco da literatura zine em suas prateleiras. No entanto, é possível afirmar que hoje, apenas casos muito isolados buscam gerir tais recursos, o que não é o suficiente, pois as informações contidas nos fanzines, muitas vezes são limitadas a regiões específicas e carregam alto nível de perecibilidade; portanto, podem ser esquecidas, perdidas, excluídas ou destruídas tão rapidamente, que as poucas instituições existentes não seriam nem mesmo capazes de identificá-las, quem dirá preservá-las, organizá-las e etc.

Nesse contexto, a perda que recai sob o usuário é a mais impactante, pois fica sem saber exatamente os motivos de sua identidade cultural se tornar menos definida, graças a extinção particular de algumas vozes que dependem do fanzine para veicular. Portanto, espera-se que a biblioteconomia entendendo esses parâmetros da realidade, possa a um nível de excelência cada vez maior, levantar novas e promissoras bandeiras em nome da cultura.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Vitória Gomes; LIMA, Izabel França de. Bibliotecas, cultura e memória: possibilidades e desafios. **Folha de Rosto**: Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Fortaleza, v.2, n.2, p.56-64, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/113/121>. Acesso em: 12 dez. 2018.
- ANDRAUS, Gazy. **Existe o quadrinho no vazio entre dois quadrinhos?: (ou: O Koan nas Histórias em Quadrinhos Autorais Adultas)**. 1999. 248f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista (Unesp), São Paulo, 1999. Disponível em: <http://www.guiadosquadrinhos.com/mo-nografia/nome/15>>. Acesso em: 30 out. 2018.
- ANJOS, Ana Carolina Costa dos *et al.* **O fanzine como ferramenta de comunicação dentro do curso de Jornalismo da UFT**. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA - MÍDIA ALTERNATIVA E ALTERNATIVAS MUDIÁTICAS, 7., 2009. **Anais Eletrônico...** Fortaleza. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/O%20Fanzine%20como%20ferramenta%20de%20comunicacao%20dentro%20do%20cur-so%20de.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2018
- ARAGÃO, Thais Amorim. **Os índies do Brasil - sobre o Tupanzine**: fanzine brasileiro contemporâneo polêmico sobre indie rock. Monografia (Graduação) - Curso de Comunicação Social, Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, 1999.
- BARREIROS, Bruna Provazi. **A revolução (ainda) não será virtualizada**: os fanzines feministas na era da comunicação digital. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE A ESCOLA LATINO-AMERICANA DE COMUNICAÇÃO, 7., 2008. **Anais Eletrônico...** São Bernardo do Campo: Celacom 2008. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/Recursosparaquadrinistas/revolucaoavirtualizada>. Acesso em: 4 jun. 2018.
- BIVAR, Antonio. **O que é punk**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DILLON, Anthony. **A history of Irish zines: Alternate Voices to the Cultural Industries.** 2005. Disponível em:

http://www.loserdomzine.com/images/articles/pdfs/A_History_of_Irish_Zines_Alternate_Voices_To_The_Culture_Industry.pdf. Acesso em: 7 jun. 2018.

DODGE, Chris. Pushing the boundaries: Zines and libraries. **Wilson Library Bulletin**, v.69, n.9, p.26-30, 1995.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. O bibliotecário como agente de transformação em uma sociedade complexa: integração entre ciência, tecnologia, desenvolvimento e inclusão social. **Ponto de Acesso**, Salvador, v.1, n.1, p.88-98, jun., 2007. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/1396/878>. Acesso em: 28 maio 2018.

DUNCOMBE, Stephen. **Notes from underground zines and the politics of alternative culture.** London: Verso, 1997. Disponível em: https://com250spring2016ncsu.files.wordpress.com/2015/12/duncome_zines_ch1.pdf. Acesso em: 12 set. 2018

FERREIRA, Glauber West. **Produção de fanzine e circulação de informação no movimento anarcopunk no Brasil nos anos 1990: Um estudo do Favo de Fel.** 2013. 65f. Monografia (Graduação) - Curso de Biblioteconomia e Comunicação, Departamento de Ciências da Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/88829/000913476.pdf?sequencia=1>. Acesso em: 12 nov. 2018.

IFFANZINE. **Sobre.** 2015. Disponível em: <http://iffanzine.blogspot.com/p/sobre.html>. Acesso em: 2 out. 2018.

LEAGUE, The Luminist. **Amazing Stories.** 2019. Disponível em:

<http://www.luminist.org/archives/SF/AS.htm>. Acesso em: 12 set. 2018.

LARA PACHECO, Gonzalo Clemente. **Los fanzines como un recurso bibliográfico.** 2000. 80f. Tese (Doutorado) - Programa de Posgrado en Bibliotecología, Colegio de Bibliotecología, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), México, 2000. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/6935>. Acesso em: 10 abr. 2019.

LEVENTHAL, A. The politics of small: Strategies and considerations in zine preservation. In: **Preservation of New Media Docam**, 2006, Montreal. Disponível em: http://www.docam.ca/images/stories/pdf/seminaires/2006_02_anna_leventhal.pdf. Acesso em: 11 dez. 2018.

MAGALHÃES, Henrique. **O que é fanzine?** São Paulo: Brasiliense, 1993. 78p. (Primeiros Passos)

MARTELETO, Regina Maria; NÓBREGA, Nanci Gonçalves da. Sujeito e informação: a construção do conhecimento social em suas ambientações culturais e locais. In: **ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB)**, 8., 2007. **Anais Eletrônico...** Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/viiienancib/paper/viewFile/2865/1993>. Acesso em: 3 set. 2007.

MARINGELLI, Isabel Ayres. **Acervo além dos livros: acervo documental da Pinacoteca de São Paulo.** 2017. 59 slides. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3445334/mod_resource/content/1/2017-estagio-ECA-USP.pdf. Acesso em: 15 set. 2018

MASSIE, Keith; PERRY, Stephen D. Hugo Gernsback and radio magazines: An influential intersection in broadcast history. **Journal of Radio Studies**, Washington, v.9, n.2, p.264-281, jan./jul. 2002. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/dow>

nload?doi=10.1.1.510.3776&rep=rep1&type=pdf. Acesso em: 12 set. 2018.

MORGAN, Bruna. **Quadrinhos faça-você-mesmo (0) # 1 - zine!** 2014. Disponível em: <https://bruna-morgan.blogspot.com/2014/12/voltando-dar-vida-ao-blog-decidi-mudar.html#more>. Acesso em: 13 ago. 2018.

PEREIRA, Daniela Reischak. FANZINE NA SALA DE AULA: Uma proposta pedagógica de incentivo à produção textual. **Bem Legal**, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p.149-159, 2016. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/revistabemlegal/edicoes-antiores/Vol%2C6%20n.2/18>. Acesso em: 02 out. 2018

RÜSCHE, Ana. **Zines: contemporâneos e geniais.** 2016. Disponível em: <http://wordpress.anarusche.com/zines-e-fanzines/>. Acesso em: 3 jun. 2018.

SANTOS, Alexandre dos; ROSA, Enio. **Indo além: bibliotecário cria fábrica de histórias em Picada Café, RS.** **G1.** Picada Café (RS), 22 set. 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/jornal-do-almoco/videos/v/indo-alem-bibliotecario-cria-fabrica-de-historias-em-picada-cafe-rs/3645602/>. Acesso em: 24 fev. 2019.

SOUZA, Alberto. Marxismo na atualidade: nova edição do Zine Café Filosófico em produção. **Blog Iffanzine**, Macaé (RJ), 23 mar. 2017. Disponível em: <https://iffanzine.blogspot.com/2017/03/marxismo-na-atualidade-nova-edicao-do.html?fbclid=IwAR2Wamd6XgyBHOeXnpnmaeoSEU94ra2Y94dYJWcF-3T-FdlxikK4kHFZJos>. Acesso em: 24 fev. 2019.

SOUZA, Alberto. Campanha de doações de fanzine/intercâmbio. **Blog Iffanzine**, Macaé (RJ), 22 jan. 2018. Disponível em: <https://iffanzine.blogspot.com/2018/01/campanha-de-doacoes-de.html>. Acesso em: 24 fev. 2019.

SOUZA, Alberto. FNPAS: visita de Natania Nogueira à Fanzinoteca do IFF Macaé. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TcN6pFQ0uiw>. Acesso em: 1 set. 2018.

STODDART, Richard A.; KISER, Teresa. Zines and the library. **Library Resources & Technical Services**, Chicago, v.48, n.3, p.191-197, jul./dez. 2004. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.896.9400&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em: 2 out. 2018

THOMAS, Susan E. Value and validity of art zines as an art form. **Art Documentation: Journal of the Art Libraries Society of North America**. Chicago, p.27-38. set. 2009. Disponível em: https://digitalcommons.liu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1042&context=brooklyn_libfacpubs. Acesso em: 18 set. 2018.

TISSOT, Law. Visite o ArtEstação e a Fanzinoteca Mutaçao. **Blog Fanzinoteca Mutaçao**, Rio Grande (RS), 3 maio 2010. Disponível em: <http://fanzinotecamutacao.blogspot.com/2010/05/visite-o-artestacao-e-fanzinoteca.html?view=magazine>. Acesso em: 20 set. 2018.

WOOTEN, Kelly. **Women's zines in the Sarah Dyer zine collection.** 2002. 50f. Dissertação (Mestrado) - Master of Science In Library Science, School of Information and Library Science, University of North Carolina, Chapel Hill, 2002. Disponível em: <https://ils.unc.edu/MSpapers/2786.pdf>. Acesso em: 10 set. 2018.

NOTAS

- ¹ Dados do balanço anual de 2011 na Fanzinotèque de Poitiers. Disponível em: http://www.fanzino.org/wp-content/uploads/2012/05/rapport_d_activites_2011.pdf. Acesso em: 15 nov. 2018
- ² Dados do balanço anual de 2012 na Fanzinotèque de Poitiers. Disponível em: <http://www.fanzino.org/wp-content/uploads/2013/06/Bilan-2012.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2018
- ³ Pré-visualização da Conferência anual da ALA 2015. Disponível em: <https://americanlibrariesmagazine.org/2015/05/29/2015-ala-annual-preview/>. Acesso em: 19 out. 2018.
- ⁴ ZLuC 2018 MSP. Disponível em: <http://zinelibraries.info/wordpress/wp-content/uploads/2018/07/ZLuC2018-program.pdf>. Acesso em: 19 out. 2018.
- ⁵ Disponível em: <https://ugrapress.wordpress.com/ugra-zine-fest/>. Acesso em: 21 ago. 2018.
- ⁶ UGRA ZINE FEST 2013 | Palestra com Fernanda Meireles. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GIOqxLMYATY&t=549s>. Acesso em: 21 ago. 2018.
- ⁷ A pesquisa na principal base de dados nacional da área da Biblioteconomia e Ciência da Informação não foi possível recuperar nenhum artigo indexado com a palavra fanzine, em busca realizada em março de 2019.

Emerson Lucas Morais Lima
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2613-7596>
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
E-Mail: 11morais.lucas@gmail.com
Brasil